

O QUE É MESMO ENSINAR GRAMÁTICA? TESES E ARGUMENTOS QUE CIRCULAM EM ESPAÇOS ACADÊMICOS¹

Edmar Peixoto de Lima (UERN)
professoraedmar@gmail.com

INTRODUÇÃO

Temos como propósito investigar, nos discursos dos professores universitários, as teses e os argumentos sobre o ensino de gramática na graduação do curso Letras. A nosso ver, o ensino de gramática vem sendo alvo de diversas discussões no cenário acadêmico, tendo em vista a polêmica que se instaura quando se discute o que significa ensinar gramática na escola. Partimos então da compreensão de que a concepção de gramática defendida pelo docente está vinculada às práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula no ensino de línguas. Nesse sentido, acreditamos que pesquisar as concepções de gramáticas defendidas pelos professores do Curso Letras poderá nos proporcionar elementos que contribuam para compreendermos qual a orientação que os docentes defendem na formação do educador, uma vez que estamos discutindo questões referentes ao processo de formação do professor de línguas.

Para tal, utilizamos como aporte teórico os estudos que advém da Teoria da Argumentação no Discurso apresentados em Perelman e Tyteca (2005), baseamo-nos também em estudos filiados a essa teoria (REBOUL, 2004; SOUZA, 2009; LIMA, 2011 dentre outros) e para discutirmos as questões referentes à gramática, utilizamos Martelotta (2008), Vieira & Brandão (2008), Travaglia (2008) e Antunes (2008).

Sendo assim, como aparato metodológico, utilizamos entrevistas semiestruturadas realizadas com os docentes das habilitações em Língua Inglesa, Língua Espanhola e Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Após a aplicação das entrevistas, realizamos as transcrições e, só depois, passamos a investigar teses, argumentos, *ethos* e auditório revelados nos discursos. Para esse artigo, delimitamos apenas as teses e os argumentos defendidos pelos docentes, quando respondem a questão: “qual a concepção de gramática que norteiam sua ação pedagógica?”. Deste modo, iniciamos o presente artigo apresentando uma discussão acerca da argumentação no discurso, depois nos detemos aos pilares da argumentação e algumas das técnicas argumentativas. Em seguida, destacamos alguns pontos sobre gramática defendidos por alguns teóricos da área e, por fim, apresentamos alguns resultados e as considerações finais que concluem o trabalho, mas não encerram a pesquisa, uma vez que daremos continuidade às discussões aqui iniciadas, com o intuito de identificarmos qual o espaço reservado à gramática na formação do professor no curso Letras e qual concepção norteadora que o docente defende em sua práxis.

1. ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

A Teoria da Argumentação no discurso (TAD) surge por volta de 1958, com a publicação do Tratado da Argumentação: A Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts Tyteca (2005). Nessa obra, os autores expressam profundas reflexões sobre o discurso argumentativo, sobre as noções de auditório, bem como a imagem que o orador

¹ Este artigo é resultado da pesquisa “Teses acerca (do ensino) de gramática em discursos de professores universitários do curso de Letras/CAMEAM”, concluída em 2013, vinculada ao Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

revela de si ao defender suas teses e os argumentos que sustentam esses posicionamentos.

Segundo Souza (2008, p. 61), tomando por base os estudos aristotélicos, para que aconteça a argumentação é necessário recorrer a três tipos de provas técnicas, que são *logos*, *pathos* e *ethos*, assim

O próprio ato de argumentar envolve tanto uma tese (*logos*) a ser defendida pelo orador/enunciador, como a imagem que este tem com o auditório (*pathos*), assim como de sua auto-imagem (*ethos*). É nesse processo que o orador consegue a adesão do auditório às suas teses.

Nesse sentido, o orador precisa convencer o auditório a quem se dirige e, para isso, é imprescindível que ele se aproprie dos três tipos de provas técnicas que são; o *logos*, o próprio discurso, representado no tratado como as técnicas argumentativas; o *pathos* que é a emoção/paixão despertada no auditório pelo orador, na TAD, àquele a quem o orador pretende atingir com seus argumentos; e o *ethos* que se volta à imagem do próprio orador. Imagem essa que não diz respeito aos aspectos pessoais do falante, mas está relacionada às marcas reveladas nos discursos.

Podemos afirmar então que quando a nossa tese estiver centrado nos argumentos, a real intenção é convencer o interlocutor, o indivíduo a quem estamos nos dirigindo, quando estiver situada no auditório a pretensão é convencê-lo, levá-lo à emoção e quando estivermos centrados na imagem do orador, ele, pode ser ou não levado à manipulação.

Os discursos estão argumentativamente organizados de maneira que tende a persuadir ou convencer o interlocutor, porém, para que de fato esse fazer aconteça são necessários que alguns elementos estejam em sintonia entre orador e auditório, dentre eles, destacamos: o acordo prévio, entendido como o ponto de partida da argumentação. Em outras palavras, de acordo com Perelman & Tyteca (2005, p.73), “tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação pressupõe o acordo do auditório”.

Portanto, o acordo prévio ocorre quando há uma “predisposição” do auditório com o orador, ou seja, é necessário um acordo inicial entre o orador e seus interlocutores para que aconteça a argumentação. Nesse caso, é preciso que o auditório dê atenção ao discurso do orador, caso aconteça o contrário, o auditório poderá rejeitar o discurso fazendo com que os argumentos apresentados pelo orador sejam afetados e conseqüentemente, não poderá se pensar em argumentação. Quando o raciocínio do orador é aceito e o auditório se propõe a dá credibilidade às premissas iniciais apresentadas pelo orador, esse acaba percebendo que os interlocutores estão atentos ao seu discurso e, assim, poderá continuar a apresentação de seus argumentos em defesa das teses.

No que diz respeito às técnicas argumentativas, podemos compreendê-las como sendo recursos que o orador se apropria na construção de seus argumentos. Essas técnicas ajudam a aumentar a adesão do auditório às teses, uma vez que poderão revelar questões que fazem parte do cotidiano do indivíduo e estão divididas em dois processos, os processos de ligação e os processos de dissociação. “O processo de ligação aproxima elementos distintos e o processo de dissociação propõe a ruptura dos elementos” (LIMA, 2011, p.59);

Perelman e Tyteca (2005) afirmam que as técnicas estão divididas em: argumentos quase-lógicos; argumentos baseados na estrutura do real; argumentos que fundamentam a estrutura do real (processo de ligação) e os argumentos por dissociação das noções (processo de dissociação).

Os argumentos quase-lógicos são aqueles que se constituem por princípios lógicos, que apresentam convicção naquilo que é exposto e são comparados a

raciocínios formais, matemáticos ou lógicos. Para Perelman & Tyteca (2005, p. 220) “o que caracteriza a argumentação lógica é o seu caráter não-formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal”, em outras palavras, o orador designará o raciocínio formal a sua tese, prevalecendo-se do pensamento lógico.

Contudo, os argumentos quase-lógicos divide-se em modalidades. Cabe-nos, aqui, apresentar, mesmo que de forma breve, algumas dessas subdivisões que compõem esse argumento. Apresentaremos as características com mais profundidade durante a análise do nosso *corpus*. Nesse caso, essa técnica apresenta argumentos por contradição e incompatibilidade - permite que o orador perceba que a tese de adesão inicial seja compatível ou incompatível com a tese ápice/principal, demonstra se o orador se contradiz ou não no que foi dito inicialmente; argumento por identidade e definição, para Perelman e Tyteca (2005) é uma das técnicas essenciais da argumentação, podendo ser percebida as diversas identidades presentes no discurso; a regra de justiça e reciprocidade - acontece quando agimos da mesma maneira com dois seres diferentes, que por sua vez, possuem o mesmo direito, Perelman e Tyteca (2005) concede como justiça formal; argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão, para Lima (2011) esse argumento equivale ao termo de transitar de uma ideia a outra, podendo passar de um conceito a outro, de uma opinião a outra; e, argumentos de comparação, esse tipo de argumento recorre a comparações, nas quais se “cortejam vários objetos”, comparados uns aos outros (PERELMAN & TYTECA, 2005, p. 274).

Já os argumentos baseados na estrutura do real se diferenciam do argumento quase-lógico pelo simples fato de se fundamentar em situações reais na sociedade, algo que acontece e não algo lógico. Esses argumentos buscam respaldo em situações do cotidiano, existentes na sociedade. Para Perelman & Tyteca (2005), as ligações referentes aos argumentos baseados na estrutura do real são os seguintes: as ligações de sucessão (vínculo causal, o argumento pragmático, o vínculo causal como relação de um meio com um fim, o argumento do desperdício, argumento de direção e a superação) e as ligações de coexistências (as pessoas e o seus atos, o argumento da autoridade, das técnicas de ruptura e refreamento, ligações simbólicas, das hierarquias e das diferenças de grau e ordem).

Além dos argumentos baseados na estrutura do real existem, ainda, os argumentos que fundamentam a estrutura do real. Essa técnica se organiza de forma que podemos apoiar-nos em um modelo já existente, ou seja, generaliza o que já é aceito a um caso particular e/ou utiliza-o para outro domínio. Esses argumentos lidam com argumentações fundamentadas pelo caso particular (a argumentação pelo exemplo, ilustração, o modelo e antimodelo) e por argumentações fundamentadas por analogia. O argumento pelo exemplo apresenta um caso particular, fazendo referência a um caso, a um acontecimento, para se chegar a uma conclusão. Já o argumento por ilustração, diferente do argumento pelo exemplo, recorre a fatos ou acontecimentos particulares para explicar o enunciado geral, buscando reforçar aceitação de uma regra já conhecida. A argumentação pelo modelo aparece como uma variação do argumento pelo exemplo, porém, ao invés de apresentar exemplos ou ilustrações, apresenta-se como uma modelo a ser seguido, no entanto, segundo Perelman & Tyteca (2005), para que alguém possa ser considerado um modelo precisa exercer admiração pelo orador. Pelo contrário, apresenta-se o antimodelo que utilizado como referência indica algo que não deve ser seguido e sim evitado, pois foge aos parâmetros aceitos pelo auditório. Os argumentos por analogia “busca, na verdade, esclarecer o tema (o que se quer provar, o mais abstrato) pelo foro (algo concreto, sensível); é uma busca pela verdade, pela prova dos fatos, a partir de uma semelhança de relações” (SOUZA, 2003, p.79). Uma das formas de se argumentar por analogia é utilizando a metáfora, que poderá servir para acionar, no auditório, informações que não estão expressas no discurso, mas que poderão fazer com o interlocutor se remetam a elas.

Nesse sentido, podemos afirmar que as técnicas argumentativas se configuram como essenciais à organização do discurso, uma vez que assumem funções específicas em cada tese defendida. No entanto, não são infalíveis, uma vez que o contexto de produção dos discursos é essencial e, cabe ao orador, levá-lo em consideração e adequar-se ao auditório a quem se dirige.

Após essa breve discussão acerca da TAD, vamos tratar de elementos norteadores sobre o ensino de gramática.

2. O QUE É MESMO ENSINAR GRAMÁTICA?

Para início de conversa, é necessário desconstruir a ideia de que a gramática parte, somente, de regras e estruturas que regem o seu “bom” funcionamento, como se fosse um “quebra-cabeça”, que somente uma única peça se encaixa e fará sentido. No entanto, podemos afirmar que não há um modelo pronto, nem tampouco um modelo a ser seguido, o que temos são estudos que procuram entender a natureza e o funcionamento das línguas.

A noção de gramática que tratamos aqui não se limita apenas a um sistema de estruturas e normas que tentam padronizar a língua, mas partimos do pressuposto que seu estudo é o entendimento dos sentidos, algo natural, que não exige de seu falante seguir sempre um manual de regras descontextualizadas. Segundo Neves (2012, p. 24)

Cabe insistir em uma noção de gramática como aquele aparato que arranja os sentidos na língua, que junta as peças num complexo multiplamente governado, e que é, portanto, o mecanismo de organização que nos permite, como diz o poeta, em uma determinada situação, “ensopar de precisão a nossa língua”, ou, em um determinado momento em que se puxa “uma longa sombra na memória”, “dar mais tristeza a uma palavra”. Que é, afinal, o mecanismo responsável, até, por, em determinados momentos – Novamente como diz o poeta, - “perder-nos nos trilhos de por onde ir”, ou “dizemos menos o que viemos dizer”.

Portanto, entendemos a gramática como um estudo que pretende facilitar a compreensão de língua e não a criação de um sistema de regularidades imposta como um modelo a ser usado sempre, como se o falante vivesse em um contexto em que todos em sua volta entendessem tais regularidades, e como isso não é possível, é que compreendemos perfeitamente a ideia de Neves (2012, p.24) “perder-nos nos trilhos de por onde ir”, nos deixa claro que em determinados momentos devemos nos desviar dessas regularidades, pois vivemos em uma sociedade multicultural . Entretanto, é relevante destacar que o falante não faz uso da linguagem de forma desorganizada ou da forma como quer, mas seguem alguns conhecimentos adquiridos durante todo o processo de interação com a sociedade, e é justamente isto que as gramáticas pretendem investigar, como se dá essa aquisição e qual a natureza desse conhecimento.

Agora que sabemos que os falantes não falam de forma aleatória, mas de maneira que os possibilitam se comunicar com sua própria língua em contextos reais de uso. Abordaremos algumas concepções de gramática que norteiam o conjunto e a natureza dos elementos que compõe uma língua e as restrições que comandam sua união para formar unidades maiores nesses contextos.

Portanto, consideramos necessária a adequação da linguagem às diversas construções comunicativas. O que nos leva a inferir que para tal ação ser possível, cabe ao falante dominar os diversificados usos da língua, partindo da gramática internalizada até os conhecimentos da gramática da norma-padrão ou normativa.

Diante disso, convém discutirmos algumas concepções de gramática que norteiam a compreensão de língua, mas aqui nos deteremos a explicitar, mesmo que de forma breve, a gramática normativa, gramática funcional e gramática internalizada. Essas gramáticas são bastante discutidas e encontram-se nos manuais de linguísticas, embora, em alguns momentos apresentem-se com outras nomenclaturas.

Para Martelotta (2008, pag. 45), a gramática tradicional ou gramática normativa é aquela mesma gramática de regras e estruturas que vemos em sala de aula do ensino básico. Essa gramática tem origem na Grécia antiga com os estudos filosóficos que tinham como principal objetivo descobrir as relações existentes entre a “linguagem, o pensamento e a realidade”. Tais estudos desencadeou uma tradição, por isso o nome de gramática tradicional, pelo fato, de suas discussões, ainda, estarem presentes no nosso cotidiano.

Desde as séries iniciais, nas aulas de português, somos submetidos à aprendizagem de nomenclaturas e normas que tentam padronizar nossa língua. Desse modo, os estudos tradicionais acabam privilegiando uma estrutura, um sistema de regras e modelos, com a tentativa de ensinar a língua a falantes nativos que já a dominam.

Entretanto, para Silva (2004, p.12)

Essa gramática procurou estabelecer as regras, considerados as melhores, para a língua escrita, com base no uso que dela faziam aqueles que a sociedade considerava e considera os seus mais “bem acabados” usuários, os chamados “grandes escritores”, tanto poetas quanto prosadores.

Desse modo, ganha privilégio apenas uma variante, a considerada norma padrão, que objetiva-se ensinar a escrever e falar “melhor”. Contudo, ao idealizar esse sistema de regras e formas corretas, acabamos deixando de lado algumas formas consideradas erradas segundo essa teoria, mas que são, de fato, utilizadas/faladas no nosso dia-a-dia, por nós falantes de língua materna. Sendo assim, esse tipo de gramática nos apresenta uma visão parcial da língua tornando impossível explicar a natureza da linguagem.

Já a Gramática Funcional visa estudar não somente os fenômenos estruturais das línguas, mas, como também, os diferentes contextos comunicativos em que esses fenômenos são utilizados. Em outras palavras, o estudo dessa gramática promove o envolvimento do contexto que circundam os participantes do processo discursivo. A linguagem, sob essa perspectiva, tem como um objetivo principal a interação social.

O estudo que tem como ponto de vista essa gramática se propõe a analisar a relação existente entre a linguagem e a sociedade, que vão além das estruturas gramaticais, embora partam delas para compreender as questões relacionadas ao uso. Essa abordagem procura explicar as regularidades no cotidiano, na comunicação, no uso interativo da língua.

Sendo assim, podemos apontar que as análises funcionalistas, neste caso os enunciados e os textos estão relacionados às funções que eles desempenham na interação com a sociedade, ou seja, o funcionalismo se propõe a trabalhar com os dados reais da fala ou escrita nos mais diversos contextos, deixando de lado aquelas frases isoladas e descontextualizadas.

Por outro lado, a Gramática internalizada consiste em um conjunto de regras que o falante traz consigo e das quais utiliza ao se comunicar nas mais diversas situações comunicativas, ou seja, são “regras” já internalizadas pelos falantes. Neste sentido, os falantes não imitam expressões linguísticas nem as criam, mas ao se comunicarem acionam um conhecimento implícito adquirido no meio social em que vive. Nessa concepção, não existe erro linguístico, mas a inadequação de termos em determinadas situações de interação.

A gramática internalizada não possibilita ao falante apenas certa liberdade na língua, mas age em todos os âmbitos da gramática de uma língua, como por exemplo, os princípios de construção e interpretação e produção de texto/discurso em situações de interação comunicativa. Portanto, a gramática internalizada desenvolve no falante não apenas a competência gramatical, mas também a competência textual/discursiva que possibilita uma competência comunicativa exitosa.

Contudo, percebemos que a língua é uma estrutura flexível que está exposta às diversas mudanças de acordo com o seu funcionamento em tempo real. Portanto, a gramática quando é estudada de forma contextualizada possibilita ao aluno compreender a língua como uso, porque o texto é concreto. Os sujeitos interagem por meio de texto, e é a partir desse que a gramática vai se construindo.

Nesse sentido, consideramos importante discutirmos os posicionamentos dos docentes com relação a essa temática.

3. O QUE DIZEM OS DOCENTES: SUAS TESES E ARGUMENTOS

A pesquisa foi realizada com três docentes do curso Letras do Campus Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). Os pesquisados, aqui representados pela sigla “P1”, “P2” e “P3”, responderam aos vários questionamentos acerca do ensino de gramática na universidade. No entanto, para esse trabalho delimitamos apenas a concepção de gramática que os docentes defendem em suas ações pedagógicas.

Na entrevista realizada com “P1”, quando questionado sobre qual a concepção de gramática que norteia sua prática docente o entrevistado apresentou a seguinte resposta.

Fragmento 01

“Olha, eu acho que um eixo norteador de toda essa discussão parte justamente da compreensão de linguagem que a gente tem. Então diante das possibilidades que existe dessa compreensão de linguagem e aí claro a gente defende essa perspectiva interacionista então é dentro desse arcabouço, dessa compreensão de língua que a gente deve abordar o estudo da gramática né! Eu acho interessante e tô agora trabalhando com os alunos, por exemplo, o livro da Irlandé Antunes que ela traz quatro modalidades, quatro habilidades necessárias para o trabalho de língua que é a oralidade, a escrita, a leitura e a gramática, né!, E aí didaticamente a gente tenta tá trabalhando essas habilidades de formas digamos (inaudível) a princípio isso é um procedimento didático, mas na realidade essas habilidades estão elas todas mobilizadas nesse estudo da língua. Então, a meu ver, eu não consigo entender essa gramática como algo a parte mas é algo que está dentro do funcionamento da língua que vai desencadeando também outras discussões que até então eu acho que colaboram para essa compreensão de gramática na perspectiva de linha interacionista não é que exista uma perspectiva interacionista de gramática assim defendida mas a maneira como se trabalha a gramática a meu ver, deve se apoiar nessa perspectiva interacionista. E aí claro que a gente sabe que existem várias conceitos de gramática que se compreende o referencial a partir do trabalho de tantos outros, mas a minha preocupação não é nem tanto de tá conceitualizando esses tipos de gramática, mas tentar ver como é que isso pode ser abordado na prática, considerando o fenômeno linguístico como um todo”.

Com base nas ideias acima, percebemos que o orador parte do princípio de que o ensino de gramática deve ser abordado a partir da compreensão de linguagem que temos. Ao se posicionar, o docente compreende a linguagem como forma de interação.

De tal modo, o orador defende que o trabalho com a gramática deve ser desenvolvido numa perspectiva interacionista sendo essa, uma forma de desencadear discussões que ajudarão para que tenhamos uma melhor compreensão do tema em estudo.

De acordo com o posicionamento do orador, identificamos que ele constrói sua resposta em torno do argumento de *autoridade*, pertencente ao grupo dos *argumentos baseados na estrutura do real*; das ligações de coexistência, ao citar o livro da Irlandé Antunes como sendo referência no desenvolvimento da sua prática docente, uma vez que esse material traz quatro habilidades necessárias para o trabalho com o ensino de língua, ancorado no argumento pelo *exemplo* (argumento que funda a estrutura do real) o orador nos apresenta essas quatro habilidades, a saber, a oralidade, a escrita, a leitura e a gramática. Nessa parte do discurso, o orador fundamenta-se também no argumento pelo *modelo*, pertencente ao grupo dos argumentos que fundam a estrutura do real, apresentando o livro da Irlandé Antunes como sendo um referencial a ser seguido, já que ele contém material suficiente para tentarmos, didaticamente trabalhar as habilidades de leitura, escrita, oralidade e gramática na sala de aula.

O orador, ainda constrói sua resposta em torno do argumento *vínculo causal* (argumento baseado na estrutura do real) ao discutir as relações existentes entre as habilidades de escrita, leitura, oralidade e gramática, haja vista que todas elas estão voltadas para o ensino de língua. Percebemos, portanto, a ideia de uma gramática inerente à habilidade de comunicação do graduando.

Na entrevista com “P2” encontramos os seguintes posicionamentos.

Fragmento 02

“Então, um ponto que acho que seria interessante no ensino da língua aqui seria uma reformulação do modo de ingresso, que para ingressar ele tivesse o mínimo do domínio e a partir daí a gente fazia uma adequação nas disciplinas, colocaria mais algumas disciplinas na grade curricular em si pra o fortalecimento da aquisição da língua como, por exemplo, aqui eles não estudam... não sei se em português existe, mas no espanhol eles não estudam uma disciplina chamada História da Língua Espanhola que é uma disciplina base, e a partir dessa disciplina você saber porque ocorreu essas transformações na língua...”

O orador se apoia em um argumento que *fundamenta a estrutura do real, argumentação pelo exemplo*. A argumentação pelo exemplo ocorre quando se tenta exemplificar algo que foi dito anteriormente, no intuito de melhorar a compreensão a partir do exemplo que será dado. Nesse caso, o orador defende que para o aluno ingressar no curso de letras deveria ter um domínio mínimo e a partir desses conhecimentos as disciplinas seriam adequadas. Para melhor explicar a tese o orador apresenta exemplos para ser compreendido que, no caso, seria a questão de uma disciplina que abordasse a história da língua espanhola, pois assim os alunos conheceriam algumas mudanças da língua.

Percebemos que o orador dialoga com professores universitários quando atenta para as questões de mudanças na grade curricular do curso Letras e, sobre as adequações em disciplinas a partir dos conhecimentos prévios dos alunos. Assim, o orador dirige-se também aos alunos universitários, quando coloca que o aluno deveria ter um mínimo de domínio antes de ingressar no curso.

O docente revela acreditar no conhecimento para fortalecer o ensino e sugere mudanças na estrutura do curso, com vistas a uma atuação voltada ao crescimento acadêmico do graduando, portanto, a concepção de gramática está voltada ao percurso histórico da língua na formação do graduando.

Na entrevista realizada com “P3”, deparamos-nos com as seguintes respostas.

Fragmento 03

A minha prática de gramática, eu quero dizer que a minha prática de gramática é a gramática de uso, certo?![...] Então a gramática de uso, o aluno escrever e saber por que... que ta escrevendo e para que ta escrevendo, certo! Essa é minha compreensão, agora escrever só porque ele precisa fazer um resumo com 250 palavras num é?!Então é uma coisa muito mecanizada, então que outros procedimentos nós precisamos?! Tai o twitter, porque que o twitter não é usado na hora de você fazer um trabalho desses, porque o twitter ele trabalha com o número de caracteres; os comentários, porque que o blog não é trabalhado? O comentário que um aluno faz a respeito de uma atividade, de um conteúdo que foi explicado, ele sim, você tem como observar. Então, eu compreendo que a gramática, ela, dentro da necessidade que um profissional de Letras precisa ter, ela tem que ter um outro olhar a ser trabalhado, ela tem que ser trabalhada muito mais na prática sem desprezar o uso da norma, porque é com essa norma que ele precisa ascender no mercado de trabalho, precisa concorrer.

O orador defende a tese de que o ensino deve ser pautado em uma gramática funcional. Com relação à resposta dada, observamos que o entrevistado é bastante claro no que diz respeito à defesa da gramática de uso como prática didática, de forma a repensar a prática de ensino de língua como algo mais real, condizente com a realidade de uso do falante. Segundo o orador, a escrita deve estar voltada para o cotidiano e não apenas aquela escrita mecanizada, de exigência do professor, que ocorre somente sob a encomenda em sala de aula.

Ao defender essa tese o docente faz uso de um ***argumento baseado na estrutura do real de direção***, quando aponta a gramática de uso como referência para um ensino de gramática voltado para as práticas de letramento, tendo em vista às necessidades de se trabalhar com a gramática de forma que possibilite uma preparação de um sujeito capaz de atender as exigências sociais em que está inserido.

O orador segue sua tese ancorando-se ainda em um ***argumento fundamentado na estrutura do real*** em que ele aponta ***exemplos*** para fundamentar sua ideia, que consiste no trabalho com uma língua real, como parte do cotidiano desses usuários, baseado em uma escrita com real finalidade. Fundamentado nessa gramática de uso, o entrevistado aponta como exemplo o trabalho com as redes sociais, apresentando-as como um método prático de se condensar o ensino, no que condiz a essa finalidade real. Uma vez que as redes sociais também se constituem a partir de regras, fazendo-se necessárias às práticas sociais e os alunos necessitam aprender muito rápido o manuseio desses mecanismos. Podemos inferir, segundo o posicionamento do orador, que para o aluno é mais fácil adequar-se as regras exigidas pelas redes sociais do que as regras exigidas pela produção textual acadêmica.

Com relação ao exposto, percebemos que o orador volta-se, sobretudo para a Universidade, chamando a atenção dos professores que são vistos como os responsáveis pela construção e disseminação dos conhecimentos. Esses edificadores do saber dentro do universo acadêmico necessitam entender o trabalho com a gramática na perspectiva de uso do falante e não apenas como algo teórico-técnico, utilizando elementos da vida cotidiana, no caso, as redes sociais, como forma de evidenciar um ensino voltado a realidade dos discentes, portanto demonstrando uma ação pedagógica menos mecanicista.

Volta-se também aos estudantes para que busquem ampliar seus conhecimentos, e que vejam a gramática como algo construtivo do saber, sugere aos discentes ações que envolvam pesquisas e escrita sobre o assunto, buscando ampliar esse espaço de discussão.

Desta forma, deparamo-nos com um profissional que procura ampliar as discussões, que promove um trabalho com a língua em uso, revela-se ainda como um sujeito atualizado em suas práticas pedagógicas, que reconhece a importância de se trabalhar gramática, como forma de atender as necessidades da comunidade acadêmica.

Assim, as concepções de gramática apresentadas pelos docentes em seus discursos estão, de modo geral, voltadas a uma formação que leva em consideração o uso real da linguagem, embora necessite do conhecimento da organização da língua.

Concluimos nossa discussão afirmando que as normas são necessárias para uma formação voltada às necessidades do usuário, ou seja, não se deve pensar em uma gramática fora das práticas sociais, mas como algo inerente ao ato comunicativo, que promova a participação do aluno nos mais diversos espaços de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que os professores entrevistados recorrem a várias técnicas argumentativas para sustentarem suas teses, priorizando os argumentos que fundamentam a estrutura do real e os argumentos baseados na estrutura do real. Sendo assim, esses argumentos funcionam como um reforço às teses defendidas pelos professores. Podemos afirmar que a presença desses argumentos nos discursos dos docentes revela que seus processos argumentativos se fundamentam em elementos que estão ligados às suas práticas docentes e que de alguma forma afetam o auditório.

As teses defendidas apresentam um ensino de gramática pautado no uso e que deveria viabilizar uma melhor compreensão da língua, em ensino que levasse em conta as ações práticas que envolvem a linguagem, tudo isso sem desprezar o conhecimento das normas e regras da gramática tradicional, muito embora todas essas questões devam fazer parte das atividades de linguagem do indivíduo. Essas teses reforçam que os docentes acreditam em uma formação gramatical que contemple a realidade do sujeito envolvido, uma vez que essa poderá auxiliar os falantes a tornarem-se mais competentes em seus atos comunicativos.

Portanto, compreendemos que as discussões acerca do ensino da gramática não está focado apenas no ensino descritivo das nomenclaturas e regras que regem a língua, mas privilegiam ainda a língua em uso, como forma de formar um indivíduo capaz de atuar nas diversas práticas sociais de letramento.

Essas questões nos parecem justificar os motivos que levam esses oradores a utilizarem as técnicas argumentativas que *fundamentam a estrutura do real e baseado na estrutura do real*. Inferimos que ao utilizar tais argumentos os oradores aproximam suas teses do cotidiano do auditório e, que, portanto, estabelecem com esses um acordo implícito de aceitação inicial das premissas.

Nesse sentido, entendemos que esse trabalho se configura como um elemento de apoio que poderá promover maiores esclarecimentos com relação ao significado do ensino de gramática na graduação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aulas de Português: encontros & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

LIMA, Edmar Peixoto. O *ethos* de professores universitários em discursos sobre o ensino de língua portuguesa. 190 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Pau dos Ferros: UERN, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org). Manual de linguística. 1. Ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da argumentação: A nova retórica. Tradução de M. E. A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REBOUL, Olivier. Introdução à retórica. Tradução de I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SILVA, Ananias Agostinho. A argumentação em textos escritos por crianças em fase inicial do Ensino Fundamental. 132 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Pau dos Ferros: UERN, 2012.
- SOUZA, Gilton Sampaio. A argumentação nos discursos: questões conceituais. In: FREITAS, A. C., RODRIGUES, L. O. & SAMPAIO, M. L. P. (Org.) LINGUAGEM, DISCURSO E CULTURA: múltiplos objetos e abordagens. Mossoró: Queima-Bucha/Edições UERN, 2008, p. 57-74.
- SOUZA, Lusinete Vasconcelos. As proezas das crianças em textos de opinião. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2008.
- VIEIRA, Silva Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2008.